

RESENHA DE “TEORIA DA OTIMIDADE: FONOLOGIA”

Camila Witt Ulrich¹

camilawittulrich@gmail.com

O livro “Teoria da Otimidade: Fonologia” traz temas fundamentais em fonologia e levanta questões acerca de uma das teorias de maior influência para o campo fonológico nos últimos 20 anos. O modelo teórico apresentado no livro, conhecido como *Optimality Theory* – doravante, OT –, surgiu, principalmente, das obras de McCarthy & Prince (1993) e Prince & Smolensky (1993). É um modelo não modular e globalista, já que não possui morfologia, fonologia, sintaxe separadamente e traz restrições consideradas universais, ainda que seu ranqueamento mude de língua para língua.

Essa teoria prevê que existem um inventário lexical (*Lexicon*) que contém as formas subjacentes – os *inputs* –, um conjunto de restrições (*C_{ON}*, de *constraints*) e dois outros mecanismos: um responsável por criar candidatos (*G_{EN}*, de *generator*) e outro responsável por avaliar em paralelo (*E_{VAL}*, de *evaluator*) esses candidatos a partir das restrições. As restrições podem ser, basicamente, restrições de marcação (quando avaliam as formas do *output*) ou de fidelidade (quando avaliam a correspondência entre a forma do *input* e as formas do *output*). Um candidato ótimo ao *output* é aquele que viola menos restrições altas no ranqueamento da língua.

A teoria, então, faz uso de restrições universais violáveis (relacionadas aos diferentes módulos da gramática), que são ranqueadas diferentemente em cada língua. Dada a universalidade das restrições, a gramática de uma língua é refletida no ordenamento destas restrições.

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Letras (Fonologia e Morfologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

O livro ora resenhado foi organizado por Leda Bisol e Luiz Carlos Schwindt e apresenta oito capítulos escritos por docentes da área de fonologia do sul do país. Pelo fato de esses pesquisadores fazerem parte de um grupo de estudos de tradição em fonologia, os textos apresentam toda a fundamentação teórica necessária para o estudo desses temas, com muita fluidez na leitura.

A obra é dividida em três partes. A primeira trata das representações e apresenta capítulos sobre traços, sílaba, acento e marcação. A segunda traz questões cruciais para correntes não derivacionais, como opacidade e morfologia. Finalmente, a última parte retrata informações sobre aspectos cruciais para qualquer modelo de análise linguística: aquisição e variação.

De forma geral, os capítulos apresentam uma revisão sobre o aspecto fonológico escolhido como foco de análise – trazendo, muitas vezes, informações sobre outros modelos teóricos. Por isso, a obra é de grande utilidade para alunos da área de teoria linguística (seja para estudar a OT ou para compará-la a outros modelos) ou da área de fonologia, mais especificamente. Em seguida, mostra-se uma aplicação do modelo da OT a dados de línguas particulares.

A resenha está organizada, assim como o livro, em três seções: a primeira sobre questões representacionais, a segunda sobre questões de modelos não derivacionais e a terceira sobre aspectos gerais de teorias linguísticas.

1. QUESTÕES REPRESENTACIONAIS

A primeira parte do livro aborda as representações na área da fonologia e traz quatro capítulos: traços distintivos, sílaba, acento e marcação.

O capítulo 1, intitulado “Traços distintivos”, é de autoria de Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (UCPel) e Ana Ruth Moresco Miranda (UFPel). Nele, as autoras abordam os traços como unidades básicas para o funcionamento de sistemas fonológicos e iniciam o capítulo trazendo um apanhado histórico a partir de trabalhos clássicos dos modelos estruturalista e gerativista – mais especificamente, da Teoria Autossegmental.

Os modelos de traços têm três tarefas: (i) refletir generalidades dos sistemas, (ii) expressar naturalidade de processos fonológicos e (iii) caracterizar classes naturais com base em conjuntos específicos de traços. A OT, ao fazer uso de traços, acaba por se utilizar de alguns pressupostos de modelos fonológicos anteriores.

Os traços, a partir dessa perspectiva, podem fazer parte de restrições (ex. [+ATR]); além disso, podem ser tratados como atributos de um segmento (se utilizados, por exemplo, na restrição IDENT(F)²) ou como autossegmentos (se abordados nas restrições de fidelidade MAX(F) ou DEP (F)).

O segundo capítulo, de autoria de Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS) e Tatiana Keller (UFSM), trata dos padrões silábicos e apresenta, além de combinações fonotáticas, princípios de boa-formação que já eram muito discutidos em modelos pré-OT. A OT, então, não apresenta novas formulações sobre a silabação nas línguas do mundo, mas se utiliza de formulações já estabelecidas para a proposição de restrições universais violáveis.

Após assumirem a representação silábica de Selkirk (1982), os autores apresentam as duas restrições de marcação responsáveis pela formação do padrão preferencial CV: ONS, que diz que sílabas devem ter um ataque (ou *onset*), e *CODA, que pressupõe sílabas sem nenhum segmento após a posição de núcleo. Em seus exemplos, os autores exploram não só os padrões silábicos permitidos nas mais diversas línguas, como também os tipos de segmentos que podem ocupar cada uma das posições internas na estrutura silábica, através das restrições de marcação e fidelidade.

A conclusão do capítulo destaca que uma análise da sílaba torna-se imprescindível para qualquer publicação em Teoria da Otimidade, já que esse constituinte serve como domínio de regras/restrições e como ancoragem de autossegmentos. A universalidade das restrições da OT torna a teoria muito preditiva, visto que há muitos padrões comuns translinguisticamente sobre preferências silábicas.

O capítulo 3 aborda explicações sobre o acento e foi escrito por José Sueli de Magalhães (UFU). O autor inicia seu texto apresentando um apanhado histórico, que vai desde o clássico de Chomsky & Halle (1968) – em que o acento era uma propriedade atribuída ao segmento –, passando pela grade métrica, até chegar a diferentes propostas de grades e constituintes.

Em suma, todos esses modelos abordados fazem menção a forças que regem as preferências acentuais das línguas: ritmo, sensibilidade ao peso prosódico de um constituinte, existência de uma proeminência mais forte e posicionamento periférico das proeminências. Essas forças já eram explicadas na Fonologia Métrica e estão

² Em OT, a letra F (do inglês, *feature*) é comumente utilizada para tratar de um traço qualquer.

refletidas na OT no combate entre restrições de marcação e fidelidade e restrições de Alinhamento Generalizado, que dizem respeito às diversas formas com que operações morfológicas e fonológicas atuam conjuntamente, ou seja, como bordas morfológicas e constituintes prosódicos são pareados.

Após uma vasta seção com exemplos em muitas línguas distintas, o autor apresenta uma análise do acento no PB já proposta em Bisol (1992) e Magalhães (2008) – este último em OT –, a qual prevê um padrão regular (paroxítonas e oxítonas) e um padrão irregular (proparoxítonas) que não precisa mais ser explicado por extrametricidade, mas por uma restrição NONFINALITY hierarquizada em uma posição mais baixa no ordenamento.

O último capítulo da primeira parte, escrito por Leda Bisol (PUCRS) e Cíntia Alcântara (UFPel), apresenta a temática da marcação, tão cara para os estudos linguísticos. Um elemento marcado, nos termos de Rice (2007), é aquele que aparece em poucas gramáticas, é o primeiro segmento perdido em casos de deficiência de linguagem e possui maior dificuldade de articulação. Os elementos não marcados, ao contrário, são mais regulares e prezam pela simplicidade.

As autoras iniciam o capítulo revisando o conceito de marcação e as convenções em Chomsky & Halle (1968), que consideram um segmento menos marcado como aquele que tem menos traços positivos. Como resposta a esse modelo, também é apresentada a noção de subespecificação, que assegura que um elemento não marcado é aquele que possui um número menor de traços. Por fim, as autoras revisitam a marcação arbórea de Calabrese (1995).

Na OT, a ideia de marcação é expressa no *ranking*; a escolha da forma não marcada é consequência natural do mecanismo de análise otimalista. É a chamada “emergência do não marcado” (TETU)³, exemplificada com dados da língua nootka. Para a aplicação em dados do PB, as autoras se utilizam de dois processos: (i) o sândi externo, em que a ditongação pode surgir independentemente da posição do acento, ao contrário da elisão e da degeminação, e (ii) o plural, formação em que, no lugar de uma sequência VCC (ex. *mars*), surge uma vogal epentética, para tornar a sílaba menos marcada (ex. *mares*).

³ Do inglês *the emergence of the unmarked*.

2. QUESTÕES DE MODELOS NÃO DERIVACIONAIS

A segunda parte do livro aborda temas não tão centrais, mas também cruciais para qualquer análise em OT, e traz dois capítulos: opacidade e morfologia.

O capítulo sobre opacidade foi escrito por Gisela Collischonn (UFRGS), professora e pesquisadora de excelência, de quem a fonologia já sente muitas saudades. Quando falamos em opacidade, estamos falando de casos em que a generalização não parece ser verdade, se olhada unicamente a partir da representação de superfície. Por esse motivo, muito se fez sobre esse assunto na perspectiva da fonologia derivacional, que explicava a opacidade como uma espécie de resultado entre regras (contra)alimentadoras e (contra)sangradoras.

Collischonn afirma que, para a OT, tratar de opacidade é um dos grandes desafios teóricos, já que esse modelo tem sua atenção voltada apenas para o *output* (ou para a relação *input-output*). Assim, mostra que a interação entre restrições de marcação e fidelidade da OT clássica pode explicar apenas parte do problema exposto.

Como soluções possíveis, a autora cita a proposta de se voltar aos níveis (opção que fere o paralelismo de análise previsto pela OT) ou dar outros tratamentos em relação às restrições (como restrições conjuntas, restrições de correspondência ou restrições de marcação especializadas) e mostra alternativas de análise na OT serial, na Teoria da Simpatia, na Teoria da Marcação Comparativa e na Teoria da Cadeia de Candidatos. Em qualquer das perspectivas adotadas, há questões em aberto e problemas que, embora não resolvidos por completo, promoveram a discussão alcançada pelos pesquisadores.

Apesar de o livro focar nos trabalhos de fonologia, a morfologia – muitas vezes essencial para a resolução de problemas em fonologia – não foi deixada de lado. O capítulo de morfologia foi escrito por Luiz Carlos da Silva Schwindt e trata da interação entre morfologia e fonologia na OT e, conseqüentemente, do papel da morfologia na linguística e na arquitetura da gramática.

O autor recupera a discussão básica para os estudos em morfologia, qual seja, a unidade básica de análise: morfema ou palavra. Logo após, discute o papel da morfologia em cada um dos componentes da OT: no *input*, em GEN, em CON, em EVAL e na gramática.

Numerosos exemplos são trazidos a fim de mostrar que, por não se tratar de uma teoria modular, aspectos morfológicos estão distribuídos por todos os componentes. O autor também ressalta que morfemas existem na OT, mas seu foco, em consonância com o modelo gerativo anterior, está na palavra, aqui vista como forma de *output*.

3. ASPECTOS GERAIS DE TEORIAS LINGUÍSTICAS

A terceira parte do livro aborda questões de base para qualquer modelo de análise linguística e traz dois capítulos, os quais versam sobre aquisição e variação.

O capítulo que aborda a aquisição da linguagem, em especial, aquisição fonológica, foi escrito por Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPEL). A autora mostra o percurso histórico do tratamento da aquisição – passando por aspectos da Fonologia Natural –, das propostas que lidam diretamente com traços – como a proposta de Chomsky & Halle (1968) e a Geometria de traços – e pelo modelo de Princípios e Parâmetros.

Como ponto positivo da OT em relação aos modelos apresentados, Ferreira-Gonçalves destaca a possibilidade de a teoria manter e explicitar a relação de continuidade entre a gramática do aprendiz e a gramática do adulto. Na aquisição, há reordenamento de restrições e aquisição da forma de *input* através de algoritmos de aprendizagem. A seguir, a autora mostra como a demoção (parcial ou não) serve para hierarquizar restrições dos aprendizes e projeta no programa computacional OTSoft os algoritmos CDA e GLA, que constroem hierarquias a partir de sua alimentação com dados de fala.

Por fim, o último capítulo do livro tem como tema a variação linguística e foi escrito por Elisa Battisti (UFRGS). Tratar de variação em OT também é considerado um desafio, já que mais de um candidato deve ser considerado um *output* ótimo. A variação deve resultar de diferenças nos *rankings*, seja essa diferença exposta em alternâncias de restrições ou em número de gramáticas.

A autora utiliza o processo fonológico conhecido como palatalização das oclusivas alveolares com dados de fala de moradores de Antônio Prado/RS para exemplificar o funcionamento de três propostas para o tratamento de formas alternantes: (i) gramáticas parcialmente ordenadas, que prevê movimentos entre restrições em uma única gramática, a qual também é capaz de abordar sincronia e

diacronia; (ii) ordenamento harmônico de candidatos, em que a variação surge da função EVAL sobre os candidatos; (iii) OT estocástica ou escala contínua, teoria que possui restrições indexadas. Nesse último modelo, a variação existe porque pontos de seleção podem variar de avaliação a avaliação. O *ranking* é substituído por uma escala contínua e, a partir das produções dos falantes, os números de indexação são atualizados e reordenados.

Como vimos, todos os capítulos apresentados sintetizam importantes aspectos do modelo de forma simples e clara, abordando todo o percurso histórico de análise de um determinado fenômeno até sua proposta na OT. Salientamos mais uma vez a relevância de uma obra deste nível para alunos interessados em estudar fonologia e, em especial, em estudar este modelo que tanto desenvolveu e aprimorou os estudos da área linguística.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 22, p. 68-80, 1992.
- CALABRESE, A. A constraint-based theory of phonological markedness and simplification procedures. *Linguistic inquiry*, v.26, n.3, p.373-463, 1995.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- MAGALHÃES, J. S. de. O acento dos não verbos no português brasileiro no plano multidimensional. *Alfa*, v. 52(2), 2008.
- McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. Technical report 3, Rutgers University Center for Cognitive Science, MIT Press, 1993.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Blackwell Publishers. Rutgers University Center for Cognitive Science and Computer Science Department, University of Colorado at Boulder, 1993.
- RICE, K. Markedness in Phonology. In: DeLACY, P. (ed.) *The Cambridge Yearbook of Phonology*. New York: Cambridge University Press, p. 79-97, 2007.
- SELKIRK, E. *The syntax of words*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1982.